

SE A CIDADE FOSSE UM LIVRO

Gabriel Baguet

A trágica Pandemia Mundial que tem marcado o compasso dos nossos dias e das Cidades trouxe ao nosso imaginário e à nossa Memória individual e coletiva múltiplas questões, mas igualmente muitas e diversas respostas não conclusivas face ao nosso quotidiano. O COVID-19 tem deixado a cada um de nós e a nível planetário esta infeliz narrativa. O extraordinário apelo da UCCLA para refletir a Cultura em Tempos de Pandemia é de uma coragem e um desafio que fica na História da nossa existência e em pleno Século XXI. Por essa e outras razões e no quadro do Paradigma de Um Novo Mundo, aceitei comovido namorar com algumas palavras e incorrer nesta caminhada tão fundamental e necessária que é a Cultura.

A minha reflexão ao longo deste tempo Novo Tempo tem implicado a observação mais detalhada das Cidades, e da Cidade em si, como um todo que percorremos no domínio da Arquitetura, da palavra Cultura, da História, da Cidade e das Cidades como espaços de Arte, de Diálogo Humano e de construção também de territórios culturais tão imprescindíveis ao Desenvolvimento Humano, mas inquestionavelmente uma ponte para fixar no Tempo, na Memória e na Escrita, a partilha de Saber e do Conhecimento. Este texto começou a ser desenhado há muito tempo e continuado no silêncio dos meus Dias, observando e sentindo o silêncio dos Dias do mundo. As Ruas, as Avenidas, os Museus, as Livrarias, os lugares habituais de Diálogo e de Falas Culturais nos diferentes domínios da Criação e da Expressão Artística ficaram em Silêncio.

A Pandemia, infelizmente para todos Nós, reteve-nos no Tempo da nossa Memória e das nossas variadas inquietações, interrompeu o decurso natural da vida e passou a chamar-se um "Novo Normal".

E das imensas citações e pensamentos que poderia fixar nesta fala com a Escrita, há uma que me ocorreu deixar nesta análise pela coincidência da primeira letra do Alfabeto ser a Letra A e referir Angola, meu espaço urbano de nascença e meu cais de embarque para o Mundo é lembrar Luanda, a minha Cidade berço e como disse o Escritor e Etnógrafo Angolano Óscar Bento Ribas, "Luanda é a luz dos meus olhos que a minha cegueira não retirou". Desta lindíssima citação do Autor de múltiplos livros sobre a Identidade cultural Angolana, acrescentaria a do histórico estudioso do Jazz em Angola que é Jerónimo Belo e que escreveu de modo sábio e romântico e que cito que "é possível amar uma Cidade como se uma mulher". É verdade. Por isso, "Se a Cidade Fosse um Livro", cada página teria os nomes de todas as

Vítimas do COVID-19 e as futuras Avenidas da nossa Cidade, das Existentes e das Imaginárias, teriam igualmente uma inscrição toponímica como forma de Homenagem a quem viu subitamente a sua Vida interrompida.

"Se a Cidade Fosse um LIVRO", cada capa e contracapa teria o nome de todos os Museus, Galerias de Arte, de Músicos, de Pintores, de Escultores, de Bailarinos, de Cineastas, de Poetas e de todos os fazedores de Arte e da Cultura.

Num memorável e inesquecível Poema, o histórico Vinícius de Moraes recorreu à Cidade e lembrou-a como ponto de partida a Amar e escreveu o "Crepúsculo em Nova Iorque". Nova Iorque é, entre outras Cidades do mundo, uma das capitais atingidas por esta brutal Pandemia. E por isso reafirmo nestas humildes palavras que brotam do meu coração que "Se a Cidade Fosse um Livro", cada janela teria um Poema de todos os Poetas do mundo inteiro e cada parágrafo de cada Livro teria o nome de todos, Mulheres e Homens que ao longo da História da Humanidade escreveram, fixaram as suas palavras e sonhos para que de forma natural e romântica deixassem para o devir dos nossos Dias.

"Se a Cidade Fosse um Livro", cada palavra falaria da importância do Amor, dos Abraços fora e dentro da Pandemia, mas da necessidade Afetiva de um Beijo, da desejada Cultura e dos seus troncos de Falas multidisciplinares e de Cidadania Inclusiva.

"Se a Cidade Fosse um Livro", cada Glossário, Prefácios e Posfácios falariam de Humanismo, cada vez mais importante nos Novos Dias da Humanidade, de mais Cultura e Conhecimento, mas também de mais Partilha, Fraternidade e Solidariedade porque a Cultura, a Cidade e as Cidades precisam destes laços e desta Insustentável Leveza da Cultura.

"Se a Cidade Fosse um Livro" registaria para Memória presente e futura o nome de Escultura que fortalece o nosso Amor pela Arte e pelos laços que são necessários recriar em Tempos de Pandemia, apesar das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação Global permitirem reinventar as nossas Vidas. Criar é preciso. "Se a Cidade fosse um Livro", cada Livro continha páginas traduzidas com as palavras Abraço, Amor, Paz, Tolerância, Respeito pela Diferença, Desenvolvimento Humano e necessariamente a minha apaixonada palavra Cultura em termos locais e globais.

"Se a Cidade Fosse um Livro", cada página não deixaria de conter múltiplas referências aos nomes de todas as Mulheres e Homens que ao longo da História da Humanidade estiveram e continuam ligados ao Devir da Cidade, das Cidades e dos Livros, num processo de contínua construção cultural no plano das Artes, da Cultura e claramente no domínio das Artes Plásticas e das suas outras Artes, como a Pintura, a História de Arte, a Escultura, o Desenho, a Fotografia,

a Música, a Literatura, a Poesia, a Arquitetura, o Cinema, e do necessário caminho de encontro dos Espaços Museológicos e da consulta imperativa dos seus Acervos. Os Acervos, quaisquer sejam, são lugares e gavetas de Memória permanente e que estão inscritos na narrativa da Cidade, das Cidades e, necessariamente, "Se a Cidade Fosse um Livro". Porque a Cidade é um espaço de Memória e os Territórios que a compõem são páginas de diversas Histórias feitas de passados, de presentes variados e múltiplos futuros. A Cultura é uma das chaves para suavizar o Pensamento, mas igualmente a Cultura permite e alerta-nos para os fenómenos reais do quotidiano e é um palco aberto e dinâmico à práxis dos Novos Tempos. A Cultura é também o Oxigénio de que tanto precisamos para viver, mas também para respirar. A Cultura tem essa dupla responsabilidade e os seus desafios e desígnios abraçam-nos em tempos de incógnitas, mas desafiam-nos a interpretar os dias, os nossos Dias, os dias dos Outros e a beleza que a Cultura comporta em qualquer Cidade ou território do Mundo.

Segundo Le Goff (2013, p.437), "A memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro". Enquanto geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção, uma vez que a própria identidade de uma sociedade realiza certas seleções da memória e ainda dá forma às predisposições que vão conduzir o indivíduo a incorporar alguns aspectos particulares do passado. Pollak (1992, p.01-03) destaca como característica da memória, tanto individual como coletiva, o caráter mutante. Tais elementos mutáveis são, sobretudo, episódios vividos pessoalmente ou pelo grupo no qual a pessoa se relaciona. A memória também pode sofrer flutuações, dependendo do momento em que ela está sendo abordada. O autor analisa ainda os elementos constitutivos da memória e ordena-os em: acontecimentos, pessoas e lugares. Os acontecimentos podem ser vividos pessoalmente ou ser acontecimentos vividos "por tabela" (vividos em coletividade); as pessoas podem ser categorizadas por personagens encontradas durante a vida e também vividas indiretamente, ou "por tabela". Por fim, os lugares da memória, lugares de comemoração, que ficaram marcados na memória pública do indivíduo, os vestígios datados da memória.